

## Editorial

### Solidariedade apenas não basta

Enquanto a vacina não vem, toda vez que o noticiário destaca em manchete que mais de mil pessoas são vítimas do coronavírus a cada 24 horas no Brasil, o sentimento de tristeza se junta à necessidade de se associar a todos que são impactados por esta catástrofe para deter de alguma forma o avanço da Covid-19, ao mesmo tempo que o caos socioeconômico começa a se instalar no horizonte de nosso país.

A progressão e a capacidade do novo coronavírus em causar mortes é algo jamais visto ou imaginado pelo homem. Depois da Ásia e da Europa, as Américas passaram a ser o epicentro da doença com cerca de sete milhões de contágios confirmados e trezentas mil mortes oficiais. Isto é metade de tudo que foi registrado no mundo. Os Estados Unidos e o Brasil seguem sendo respectivamente, o primeiro e o segundo país com maior número de casos e mortes no mundo. Exatamente nesses dois países os seus governantes mostram o maior descaso com a propagação da doença. O distanciamento social e o uso de máscaras - as armas que dispomos atualmente contra o vírus - foram simplesmente defenestradas do repertório comportamental de Trump e Bolsonaro numa clara afronta aos procedimentos insistentemente recomendados pela Organização Mundial de Saúde e constantes dos protocolos de todas as instituições de saúde de todo mundo. Na falta de uma vacina, esses dois procedimentos associados à higienização frequente das mãos constituem a tríade das ações de que dispomos para enfrentar esse inimigo de virulência jamais vista em toda a nossa história.

Acusando a OMS de administrar mal a crise do coronavírus e de se manter subordinada à China, os Estados Unidos entraram com um pedido formal de saída da



ONG-Viva Rio

OMS. Para espanto da comunidade internacional o Brasil apoia a iniciativa de Trump. Enquanto isso, sem ações de solidariedade e ausência de liderança no mundo, a Covid-19 vem contando com estes aliados de peso para dar sequência à sua trajetória destrutiva matando pessoas de forma indiscriminada. Só no Brasil já foram 2,4 milhões de contaminados e 86 mil mortes confirmadas com essa doença,

o que representa 14 % de todas as mortes ocorridas no mundo inteiro desde o início da pandemia (já são 640 mil segundo a Johns Hopkins University). Ainda assim, Bolsonaro foi visto nessa semana passeando sem máscara e conversando com as pessoas nos arredores do Palácio da Alvorada. Ou é um ato de completa alienação à tragédia que o povo está vivendo nesse momento ou é um ato de escárnio ante uma doença impiedosa que segundo ele devemos encarar com naturalidade. Como é natural para o governo exigir todos os trâmites burocráticos para compra de anestésicos e demais insumos para suprir a ausência de materiais de consumo essenciais para tratamento de pacientes com Covid-19 nas unidades de terapia intensiva da rede pública de saúde.

Como reverter este quadro catastrófico se o governo colocou militares, sem formação médica, nos postos-chave do Ministério da Saúde e vem sucessivamente negligenciando as diretrizes técnicas apropriadas para o enfrentamento da crise sanitária e, o que é pior, adotando procedimentos sem qualquer respaldo científico. e até mesmo provados ineficazes e com incidência de efeitos colaterais como o uso da cloroquina no tratamento de pacientes com a doença. Junto com a crise sanitária vem o desemprego que já atinge 13% da população ativa, o fechamento das pequenas e médias empresas e o aprofundamento da miséria. O auxílio emergencial mal gerenciado pelo Ministério da Economia traz de volta filas intermináveis na Caixa Econômica de desvalidos que não têm o que comer e ali estão porque não atualizaram corretamente pelo celular o cadastro com CPF, endereço e dados familiares. Nas últimas duas semanas os números divulgados pelo Ministério da Saúde indicam que mais de mil pessoas são vitimizadas a cada 24 h pelo coronavírus no Brasil. As curvas de progressão da doença dos países da Europa e Ásia mostram um platô de poucos dias da doença sendo que na maioria deles as condições pré-pandemia já estão sendo retomadas. No Brasil não divisamos essa situação. Quanto mais tempo o governo federal levar para assumir uma ação enérgica estatal baseada em evidências científicas, concatenada com as autoridades de saúde municipais e estaduais pior o cenário que se vislumbra. Comparando com a progressão da Covid-19 na China é fácil verificar que já perdemos uma oportunidade no início para achatar a curva e controlar a doença.

O que temos a fazer pela frente não é só interromper a ação do vírus com uma vacina que demora a chegar, mas também reverter os efeitos perversos do caos social que está se instalando no país com o agravamento das doenças mentais pré-existentes, surgimento de novos distúrbios, a desagregação de famílias e comunidades que prezam por nossa solidariedade, mas contam, sobretudo com ações que devemos empreender para salvar os que estão sendo dizimados pela doença viral de maior poder destrutivo dos últimos tempos.